



## OPINIÃO CELSO FOELKEL

# Responsabilidade social se constrói com diálogo, compromisso e respeito

A sociedade humana é constituída por múltiplos atores com variados graus de relacionamentos e interdependências. Como não poderia deixar de acontecer, as empresas produtoras de celulose e papel são parte desse universo social envolvendo milhares de pessoas a nível local, regional e global. Quando falamos em aspectos sociais do setor estamos definitivamente nos referindo às pessoas, a toda gente que se relaciona de forma direta ou indireta com as empresas desse nosso setor. Deve ainda ser lembrado que não existe uma entidade mágica dotada de uma varinha de condão para satisfazer desejos e que muitos teimam em chamar de empresa. O que na verdade existem são grupos de pessoas que se inter-relacionam de maneira a gerenciar e a operar as empresas. Portanto, as empresas nada mais são do que a resultante do trabalho, ações, emoções, decisões e inteligência de pessoas. Essas pessoas que compõem as empresas constituem-se nos primeiros elos das amplas redes sociais que formam nosso setor. São essas pessoas que operam, decidem, gerenciam, parceirizam e conduzem as empresas para o mundo do mais ou do menos. Suas influências sobre essas redes sociais são, portanto, enormes e dificilmente mensuráveis.

O momento presente é riquíssimo no que se tem denominado de responsabilidade social, ou seja, do conjunto de ações orientadas para incluir temas sociais em graus

de valor que possam ser percebidos como positivos pelas partes interessadas da sociedade com as quais as empresas (ou melhor, as pessoas que formam as empresas) se relacionam. Isso tem forçado a que muitas pessoas das nossas empresas tenham que despir, de um momento para outro, o seu manto de poder hierárquico para atuar de maneira que privilegie o diálogo, a transparência, o respeito à diversidade humana, dentre outros fatores ainda praticados com certo grau de imaturidade. Não é tão fácil lidar com sonhos, ideais e emoções - especialmente quando são de outras pessoas e não os nossos.

As coisas estão mudando rápido na gestão das empresas: as exigências para excelência no desempenho social são cada vez maiores e muitos executivos não estão perfeitamente preparados para isso. Alguns acreditam que desempenhar bem socialmente é fazer algum tipo de boa ação para as partes interessadas, destinando algum valor do orçamento para campanhas sociais que projetem a empresa na mídia. Outros acreditam que basta recolher os impostos devidos e cumprir as leis trabalhistas que já se está mostrando responsabilidade social corporativa. Alguns começam a mostrar maior interesse em dialogar e a serem mais transparentes com as partes interessadas – desde que isso não atrapalhe a competitividade e os programas de gestão empresarial focados em custos e resultados financeiros. Entretanto,



são poucos os executivos que perceberam que a sociedade humana valoriza muito mais o respeito a seus valores e o ato de ser ouvida do que a doação de bens materiais. Diálogo, respeito e compromisso são, portanto, os pilares fundamentais para que se possa construir uma responsabilidade social sustentável no longo prazo.

A partir do momento que se mergulha nesse processo não há mais como fugir dele. Qualquer descuido pode causar sérios estragos ao positivo relacionamento que se tem como meta construir. Por isso, toda a vez que os gestores de nossas empresas tiverem que retrain suas ações de responsabilidade e compromisso social em função de alguma crise financeira ou mesmo de perda de competitividade da empresa, o mínimo que se deve fazer é praticar um diálogo eficiente para que as pessoas envolvidas (inclusive os seus funcionários) possam entender o que está acontecendo. Essa é uma demanda de qualquer cidadão que recebe uma mão estendida de parceria e que não quer que ela desapareça de uma hora para a outra sem pelo menos um esclarecimento.

Infelizmente, a crise financeira que se instalou sobre a sociedade global a partir de 2008 tem mostrado um nível de perversidade severo para muitas das empresas do setor. Em função disso, muitas das ações de respon-

sabilidade social tiveram que ser descontinuadas, em especial aquelas com os parceiros florestais, com os terceiros prestadores de serviços, com os colaboradores da própria empresa, com as comunidades circunvizinhas, etc. Esse afastamento acabou em muitos casos sendo feito no pior dos estilos de “low profile”, o que acabou trazendo um elevado nível de incompreensão pelas partes interessadas da sociedade. Em um mundo em crise, com todos vivendo dias difíceis, não há nada melhor do que se continuar de mãos dadas, buscando valorizar essas parcerias em outros níveis de cooperação – mas tudo feito com muita clareza, entendimento e diálogo. Com isso, as relações poderão ser preservadas para que as emoções e ações se alinhem na busca do reencontro dos caminhos de sucesso.